

PIOMETRA JUVENIL

Valmir Vieira dos Santos Filho

Graduando em Medicina Veterinária – FEA/FCAA

Ana Paula Lopes Santana

Mestre em Medicina Veterinária – INESP;

Docente das Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS

Fábio dos Santos Nogueira

Doutor em Clínica Veterinária – UNESP;

Docente da FEA/FCAA

RESUMO

A piometra ou complexo Hiperplasia Endometrial Cística (HEC) trata-se de um colapso hormonal resultante do período de diestro, em que associado à uma infecção bacteriana oportunista, reflete no acúmulo de pus na luz uterina, ou seja, piometra. Esta enfermidade é comumente ocorrida em cadelas de mais idade, em resposta anormal do endométrio submetido a alta exposição à progesterona (ETTINGER e FELDMAN, 2004). Este trabalho relata um caso de uma piometra juvenil em uma cadela da raça Lhasa Apso, que desta forma foge da normalidade etária para tal patologia e também para alguns parâmetros comuns visto em animais igualmente acometidos. O animal foi atendido no Hospital Veterinário Mundo Animal de Andradina – SP, apresentando quadro de apatia, perda de apetite e com histórico de ingestão de um objeto metálico, que foi confirmado em raio-x, porém, após expelir este material, no primeiro dia de internamento, não foi observado melhora, sendo assim foi feito exame radiográfico acusando uma HEC, que em Ovariosalpingohisterectomia (OSH) confirmou sendo uma piometra.

PALAVRAS-CHAVE: piometra; juvenil; ovariosalpingohisterectomia; cadela.

1 INTRODUÇÃO

Para haver a piometra, deve ocorrer anteriormente a hiperplasia endometrial cística (HEC), sendo este complexo oriundo da resposta exagerada do endométrio à progesterona (BIRCHARD; SHERDING, 2003). A elevação plasmática de progesterona é um fator fisiológico nas cadelas que ovularam e não foram fecundadas, este período denomina-se com diestro. O útero entra em hipertrofia glandular, aumentando os níveis de progesterona no objetivo de preparar-se para uma prenhez. O excesso de secreções na luz uterina favorece um futuro crescimento bacteriano. A contágio útero-cérvix e a ação da progesterona inibindo a defesa leucocitária intrauterina predispõe a infecção secundária bacteriana (BIRCHARD; SHEDING, 2003). A flora vaginal normal entra em contato com o útero por via da cérvix durante o proestro e estro, sendo a *Escherichia coli* a mais

comumente associada à piometra e juntamente, em menor número, *Klebsiella*, *Pseudomonas Proteus*, entre outras (ETTINGER; FELDMAN, 2004).

A piometra divide-se em “aberta” e “fechada”, dependendo se há ou não corrimento vaginal. Quando há piometra com secreção sanguinolenta à purulenta, condizente a um achado de abertura da cérvix, o prognóstico é mais favorável, visto que a detecção do proprietário é bem mais fácil em vista da patologia sem o fluxo, e também pela menor probabilidade de rompimento uterino. Quando não há eliminação de conteúdo vaginal, ou seja, não tem abertura de cérvix, trata-se então de um quadro mais delicado no que diz respeito a resolução patológica, riscos e ao achado para o responsável do animal, sinais variados, como depressão, inapetência, polidipsia e poliúria (ETTINGER; FELDMAN, 2004).

O diagnóstico clínico é decorrente do histórico, sintomatologia e exames laboratoriais e de imagem. Sintomas como letargia, anorexia, vômitos, diarreia, desidratação, aumento de cavidade abdominal, hipertermia e outros já citados, são comumente vistos. Pode ser visto na hematologia, resultados como leucocitose, neutrofilia, monocitose, hipoalbuminemia, bilirrubinemia, azotemia renal e pré-renal e, aumento em AST e ALT (ZUCCOLOTTO CRIVELLENTI; BORIN-CRIVELLENTI, 2015). Em ultrassom nota-se frequentemente aumento em cornos uterinos repletos de conteúdo, e na radiografia, tem-se um aumento na acomodação topográfica do órgão útero.

O tratamento da piomentra gira em torno do conservativo e cirúrgico, sendo o de eleição a segunda opção. A primeira sugestão dá-se a casos de animais com aptidão reprodutiva, passando pela piometra de cérvix aberta e aguda, estando baixa concentração uterina. Quinolonas como cloridrato de ciprofloxacino, enrofloxacino e norfloxacino (ZUCCOLOTTO; BORIN-CRIVELLENTI, 2015). A escolha eletiva de ovariosalpingohisterectomia (OSH) ou ovariohisterectomia (OH), consiste na retirada de todo útero e dos dois ovários, restando assim a estabilização pós cirúrgica do paciente com o suporte de antibióticos em fluidoterapia e antibioticoterapia oral em casa de 10-14 dias (ETTINGER; FELDMAN, 2004). A opção cirúrgica é totalmente curativa e na maioria das vezes traz um rápido alívio ao animal logo após o ato, salvo quando há rompimento uterino e contaminação peritoneal.

2 OBJETIVOS

Este trabalho tem como principal objetivo relatar um acontecimento que foge das subjetividades bibliográficas, no que diz respeito ao quadro rotineiro que é encontrado nos caninos com piometra. Demonstrar que a opção eletiva para tal afecção, realmente é a ovariosalpingohisterectomia, visto nos resultados benéficos para a recuperação e cura para com o animal. E também evidenciar que a história clínica completa, ou seja, o uso de exame físico, exames laboratoriais e sua interpretação, e exames de imagem são irrevogáveis para um diagnóstico, principalmente quando a causa não condiz com o histórico.

3 RELATO DE CASO

Trata-se de um atendimento feito no Hospital Veterinário Mundo Animal, Rua São Paulo, 1345, Andradina-SP, no dia 02/08/2017 pelo médico veterinário Dr. Fábio dos Santos Nogueira, um canino vindo de Brasilândia-MS, da raça Lhasa Apso, fêmea, com 10 meses de idade, cor branco e traços castanhos, pesando 4,5kg.

O animal veio à base de um histórico em que condizia uma ingestão do lacre de uma lata de cerveja, e após o ocorrido, a cadela vinha à piora progressiva, com presença de náuseas, vômitos, anorexia, apatia, presença de fezes escuras e desconforto abdominal.

A paciente foi sujeita a hemograma, no qual se computou eritrocitose, reticulocitose, neutrofia, trombocitopenia, e alterações em bioquímico, como baixa em creatinina e aumento em ALKP. Após hematologia, foi sujeita também a exame radiográfico, em que o mesmo trouxe realmente o achado do corpo metálico em porção terminal do reto. Houve a sugestão de internamento para realizar a devida monitoração da expulsão do corpo estranho e também da manutenção fisiológica da filhote. No próximo dia, foi constatado o material expelido junto às fezes, porém não houve melhora no quadro clínico do animal. Realizou-se então exame de ultrassonografia em busca de achados em região abdominal, e então, surpreendentemente, ainda mais no que diz respeito à idade e uma não leucocitose, diagnosticou-se um HEC.

Com a confirmação da real causa para com todos distúrbios fisiológicos da paciente, a mesma foi medicada com metronidazol (25mg/kg/EV), ceftriaxona (30mg/kg/EV) e meloxicam (0,1mg/kg/SC), e pela tarde do mesmo dia (03/08/2017), a cadela foi tratada com ovariosalpingohisterectomia (Figura 1) e diagnosticada com uma incomum piometra juvenil. Ao término do procedimento, foi feito curativo na incisão retro-umbilical pelo uso de pomada cicatrizante a base de alantoína e óxido de zinco, gase e fita médica microporosa.

No pós-cirúrgico, foi ministrado escopolamina (0,5mg) e cloridrato de tramadol (4,0mg/kg) além dos medicamentos já mencionados vistos no pré-cirúrgico.

A paciente recebeu alta ao passar de três dias de internamento pós-operatório, em que a mesma encontrava-se já reestabelecida.

Figura 1. Etapas do procedimento de ovariosalpingohisterectomia. A. Animal posto à mesa cirúrgica, momentos antes do procedimento. B. Útero excisado. C. Útero excisado com incisão em seu corpo para expor o conteúdo.



Fonte: Elaborado pelos autores.

4 CONCLUSÕES

Por meio deste relato de caso, pode-se entender e comprovar que complexo hiperplasia endometrial cística, mais precisamente piomentra, em animais jovens,

condiz em uma enfermidade existente o suficiente para ser devidamente investigada, a fim de ser diagnosticada e conseqüentemente tratada assim como uma comum piometra vista em cadelas com idade superior a sete anos e com seus corriqueiros quadros clínicos.

A medida cirúrgica para o tratamento foi uma escolha embasada no potencial curativo frente ao distúrbio, pelas frequentes recidivas do complexo quando optados pela terapêutica medicamentosa, e pelos benefícios que uma OSH causa, no que diz respeito a complicações hormonais futuras em resposta ao cotidiano atual dos pets e aos problemas de uma cadela geriátrica não castrada.

REFERÊNCIAS

BIRCHARD, S. J.; SHERDING, G. R. Manual Saunders Clínica de Pequenos Animais. 2. Ed. São Paulo: Roca, 2003.

CRIVELLENTI, L. Z.; CRIVELLENTI, S. B. Casos de Rotina em Medicina Veterinária de Pequenos Animais. 2. Ed. São Paulo: Medvet, 2015.

ETTINGER, S. J.; FELDMAN, E. C. Tratado de Medicina Interna Veterinária. 5. Ed. Vol 2. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004.

KÖNIG, H. E.; LIEBICH, H. G. Anatomia dos Animais Domésticos. 1. Ed. Vol. 2. São Paulo: Guanabara Koogan, 1999.

MURAKAMI, V. Y. et al. Piometra – Relato de caso. Revista Científica Eletrônica de Medicina Veterinária, Garça-SP, v. 11, n. 17, julho de 2011.

NELSON, R. W.; COUTO, C. G. Medicina Interna de Pequenos Animais. 2. Ed. Rio de Janeiro: Mosby, 2001.

REECEREECE, W. O. Anatomia Funcional e Fisiologia dos Animais Domésticos. 3. Ed. São Paulo: Roca, 2015.